

19-07-2021

E aí, doutor, eu vou voltar a andar?

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Há poucos dias, escutei de um profissional de saúde a seguinte sentença: a situação do câncer daquele paciente fez com que ele passasse a ter pouca esperança...

É tão comum essa fala, que nós da área da saúde acabamos por naturalizá-la. Dentro da realidade em que vivemos, quando um câncer intransigente não aceita negociar com o tratamento proposto, tipo quimioterapia, e avança, automaticamente sentenciamos que acabou a esperança para aquele paciente... O que será que sou de estranho aos meus tímpanos condicionados à sentença?

Fiquei pensando, será que a esperança, do verbo esperar, que é dinâmica e que nos impele para frente não funcionaria assim com os pacientes? Ou será que somos nós, profissionais de saúde, que estamos matando as esperanças deles? Porque esperança é da ordem do espírito, é o combustível da vida, fé positiva num melhor futuro, é a *Kundalini* que serpenteia em nossa coluna vertebral propelindo energia vital. Não podemos e nem temos o direito de diminuir a esperança das pessoas, de promover a morte do espírito.

O sincericídio (a palavra que mata) não pode desencorajar e “desenganar” os pacientes em relação às suas expectativas de vida ou de morte. Sou fisioterapeuta de uma unidade de cuidados paliativos no Rio de Janeiro e lido diariamente com essas expectativas, principalmente aquelas relacionadas às funcionalidades - do tipo se sentar, ficar de pé e andar - que ficaram comprometidas pela instalação do câncer ou pela presença de suas complicações. A vida é movimento, o corpo foi feito para se movimentar e não ficar encarcerado numa cama, num leito hospitalar ou em uma cadeira de rodas... Quem não se movimenta está em vidas paralelas, em situação assimétrica de forças, está vulnerado e dependente de cuidados. E quanto maior for a assimetria, maior será a vulneração, e maior ainda será a dependência, podendo até ser vítima de práticas abusivas.

A dependência física cria uma enorme expectativa por parte dos pacientes para o atendimento de fisioterapia. O paciente passa a acreditar que a única possibilidade de voltar a participar da vida é quando ele retorna a se movimentar, a andar, por exemplo.

Talvez, eles elucubrem sobre uma das mais simplórias obviedades humanas... “se a vida é movimento, eu preciso me movimentar para ter minha vida de volta...” É aqui que surge aquela pergunta que nunca se cala: “doutor, eu vou voltar a andar?”

Na faculdade de fisioterapia tive um professor de Genética, no primeiro período, que falava que nós seríamos, depois de formados os doutores do movimento, confesso que não entendia muito bem o que ele dizia, mas com o passar do tempo, aquele vaticínio, ficou claro para mim. Aquele Mestre se relacionava à *Kinesia*, termo grego que significa movimento. A base da formação do fisioterapeuta é a cinesiologia – estudo do movimento e sua principal ferramenta de trabalho é a cinesioterapia, o tratamento por meio de movimentos corporais. Hoje me orgulho de ser um doutor do movimento, mas para além de me orgulhar, me comprometo e me preocupo muito com a pergunta que não se cala...

Como é falar para um paciente de 32 anos que ele não vai mais andar – que agradece muito a minha visita em sua casa e refere que estava muito ansioso pela minha chegada, pois eu lhe daria uma previsão da data mais próxima para ele dirigir e voltar para sua vida “maneira” de antes -, após um diagnóstico de um câncer raro de sistema nervoso central que fez metástase destrutiva para um dos seus fêmures, e por esse motivo, não se pode mais jogar peso corporal naquele membro inferior.

Ou, ainda, para uma jovem senhora com câncer de mama metastático que evoluiu com síndrome de compressão medular e que está paraplégica, mas que a esperança dela é voltar à sua vida anterior que, segunda ela, era muito boa.

Aqui fica claro que a vida só tem sentido se você participar ativamente dela. Fica claro também que, para a manutenção da autonomia e respeito à dignidade, a bússola da vida deverá estar em suas mãos.

E como proceder em relação a tantas expectativas?

Eu geralmente procuro perceber o quanto o paciente ou o familiar sabem em relação ao diagnóstico e prognóstico da doença que, em muitos casos, passam a ser liquidificadores de vidas. Procuro entender o quanto essa mãe sabe em relação ao prognóstico de seu amado filho de 32 anos, porque o câncer, esse desconhecido, não estava no planejamento do único filho homem que um dia ela sonhara para presentear o homem (o amor) da sua vida!

Procuro entender o quanto bate as perdas sucessivas que ampliam as dores e o sofrimento no ser humano.

Essa mãe, já viúva, ainda sente a dor da perda do pai de seu filho, e esse filho é a chama acesa desse amor.

Procuro entender como será difícil para ela presenciar e aceitar o apagamento da chama e o duplo desaparecimento do amor.

Componho meu arsenal terapêutico com uma avaliação funcional criteriosa, escuta sensível, ressignificações e muito movimento. Trabalho com a possibilidade de estabelecer condições para viabilizar o máximo de independência aos pacientes, em princípio, estabeleço um plano de cuidados para os pacientes. Logo a seguir, instruo pacientes e cuidadores quanto à importância da adesão ao plano de cuidados e oriento quanto ao objetivo principal que é a realização das funções básicas do cotidiano. Se ambos aderirem, teremos a possibilidade real de melhorar muito a independência funcional dos pacientes. São casos e casos e cada caso tem suas peculiaridades. Por exemplo, se não se pode andar mais, nós buscaremos a possibilidade de se sentar, a possibilidade de se alimentar sozinho, fazer transferências, buscar o máximo de autonomia funcional para diminuir a presença do outro em suas vidas e, ao mesmo tempo, aumentar suas autoestimas ao participarem mais de suas vidas através do movimento.

Na minha prática diária o que mais aprendo, é o seguinte: que encarar a vida deitado é uma coisa, sentado é outra, e em pé é totalmente outra! Encarar a vida de pé te coloca em pé de igualdade com seu detrator, opositor, cuidador, amigo, filhos, amor etc., ou seja, te coloca vivo e inteiro para passar pelos turbilhões dos movimentos da vida! E qual é o meu maior cuidado ao lidar com a pergunta que não se cala?

Com certeza é de não cometer sincericídios!!!!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.